

Permitidas a reprodução e a distribuição. Para alterações, solicitar o prévio consentimento da ICK.

Edição número 14 - Verão / 2007

# ICK em revista

[www.krishnamurti.org.br](http://www.krishnamurti.org.br)

**Instituição Cultural Krishnamurti**

Rua dos Andradas, 29 - 1007

Rio de Janeiro - RJ - CEP 20051-000

Tel./Fax: (21) 2232-2646



## Nota Editorial

## Artigos

A isca da iluminação

*Vegetarianismo*

Pondo um fim à repetição

O celibato e a vida religiosa

Cada ação, cada relacionamento é um movimento de aprender

## Notícias

Krishnamurti na TV

## Nota Editorial

É bem conhecido o apreço que Krishnamurti demonstrava pela qualidade e pela integridade. Na arte, além de apreciar peças únicas como a nona sinfonia de Beethoven, via com especial zelo a beleza lírica de determinados textos sagrados, como o Antigo Testamento ou o Bhagavad-Gita.

Embora houvesse lido e apreciado a poesia romântica inglesa, passando por Lord Byron e Shelley, era pela obra de John Keats que Krishnamurti demonstrava mais clara admiração. Ele dizia que Keats, assim como alguns poucos outros artistas, incluindo escultores indianos antigos, pareciam haver "tocado alguma coisa", a julgar pelo que expressaram com sua arte. Em várias de suas palestras e cartas, Krishnamurti repetiu a expressão "A verdade é a beleza, a beleza verdade", extraída do poema "Ode sobre uma urna grega", de autoria do poeta.

Da poesia de origem portuguesa não se sabe o quanto Krishnamurti conheceu, ou mesmo se chegou a conhecê-la. Mas não é de todo improvável que, pelas mesmas razões por que admirava Keats, também apreciasse a obra de Alberto Caeiro. Fernando Pessoa, a respeito das poesias que assinava com o nome de Alberto Caeiro, dizia que os poemas lhe vinham numa espécie de fluxo contínuo e repentino, sobre o qual não possuía controle. O poeta português dizia que Alberto Caeiro não era apenas um heterônimo seu, mas seu mestre, para quem criou inclusive a idade e a biografia, e cujos gestos e rosto ele via "no espaço incolor mas real do sonho". Em uma de suas cartas, ele diz "Desculpe-me o absurdo da frase: aparecera em mim o meu mestre."

Uma ligação conhecida (embora indireta) entre Fernando Pessoa e os ensinamentos foi a tradução que fez do livro "A Voz do Silêncio", de Helena P. Blavatsky, uma das mais importantes obras da teosofia. Em carta a seu amigo íntimo Mário de Sá-Carneiro, o poeta revela não compreender a razão de seu fascínio pela doutrina mística, dado o espírito cético que sempre cultivara.

E, embora não se saiba ao certo se Fernando Pessoa chegou a conhecer a obra de Krishnamurti, uma vez que faleceu em 1935, é espantoso o quanto a poesia de Alberto Caeiro parece de acordo com os ensinamentos. Em "O guardador de rebanhos", o poeta diz:

"(...)

*E o que vejo a cada momento*

*É aquilo que nunca antes eu tinha visto,*

*E eu sei dar por isso muito bem...*

"(...)

*Sinto-me nascido a cada momento*

*Para a eterna novidade do Mundo..."*

**ou:**

*"Olá, guardador de rebanhos,  
Aí à beira da estrada,  
Que te diz o vento que passa?"*

*'Que é vento, e que passa,  
E que já passou antes,  
E que passará depois.  
E a ti o que te diz?'*

*'Muita coisa mais do que isso,  
Fala-me de muitas outras coisas.  
De memórias e de saudades  
E de coisas que nunca foram.'*

*'Nunca ouviste passar o vento.  
O vento só fala do vento.  
O que lhe ouviste foi mentira,  
E a mentira está em ti.'"*

**ou ainda:**

*"Antes o vôo da ave, que passa e não deixa rasto,  
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.  
A ave passa e esquece, e assim deve ser.  
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,  
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.*

*A recordação é uma traição à Natureza.  
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.  
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.*

*Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!"*

E em "Poemas Inconjuntos", outra parte conhecida e talvez ainda mais grandiosa da obra de Fernando Pessoa, lemos:

*"Não basta abrir a janela  
Para ver os campos e o rio.  
Não é bastante não ser cego  
Para ver as árvores e as flores.  
É preciso também não ter filosofia nenhuma.  
(...)"*

ou:

*"A espantosa realidade das coisas  
É a minha descoberta de todos os dias.  
Cada coisa é o que é,  
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,  
E quanto isso me basta.  
(...)"*

ou ainda:

*"(...)  
Se eu morrer muito novo, oiçam isto:  
Nunca fui senão uma criança que brincava.  
Fui gentio como o sol e a água,  
De uma religião universal que só os homens não têm.  
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,  
Nem procurei achar nada,  
Nem achei que houvesse mais explicação  
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.*

*Não desejei senão estar ao sol ou à chuva -  
Ao sol quando havia sol  
E à chuva quando estava chovendo  
(E nunca a outra coisa),  
Sentir calor e frio e vento,  
E não ir mais longe.  
(...)"*

e:

*"(...)  
Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.  
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.  
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.  
O que for, quando for, é que será o que é."*

Nesta edição, em sintonia com o espírito claro e direto de Alberto Caeiro, vemos a simplicidade e a integridade que caracterizavam a inteligência de Krishnamurti, expressa sobretudo no modo como via as questões essenciais relacionadas ao viver correto.

## A isca da iluminação

Os sacerdotes ao redor do mundo, sejam cristãos, budistas, hindus ou tibetanos, sempre disseram que há a promessa de algo maior. Faça isso e você irá para o céu, e se não fizer irá para o inferno. O que é interpretado na versão hindu de um modo e nas outras de outro modo, mas isso é irrelevante. Assim, nossas mentes estão fortemente condicionadas por algo diferente de "o que é". Esse algo é a terra prometida, a utopia, o paraíso, a iluminação, o nirvana, a *moksha* dos hindus. Porque eu não sei o que fazer com isso, "o que é", todo o meu desejo é por *aquilo*.

Isso é colocado de diferentes modos: os comunistas querem um Estado perfeito, um ambiente perfeito. É o mesmo problema, a mesma questão, apenas posta em palavras diferentes - o amanhã. Então essa pode ser - eu estou perguntando - uma das razões fundamentais por que os seres humanos não mudam, porque eles têm isso - o mais elevado princípio perfeito, chamado Brahman na Índia ou nirvana pelos budistas, paraíso pelos cristãos, e assim por diante. Essa pode ser uma das razões fundamentais por que os seres humanos não mudam. Ou por causa do ideal perfeito, ou do homem ou da mulher perfeita. O que significa que "o que é" não é importante, mas o ideal perfeito é importante, o Estado perfeito é importante, o inominado é importante. Então não se preocupe com "o que é", não olhe para "o que é", mas traduza "o que é" em termos de "o que deveria ser". Vocês compreendem tudo isso? Espero estar alcançando vocês. Então nós criamos essa dualidade: "o que deveria ser" e "o que é". E estamos dizendo que essa pode ser uma das principais razões por que os seres humanos não mudam.

Quando há essa divisão entre "o que é" e "o que deveria ser", o mais elevado, então há conflito, certo? Divisão entre o árabe e o judeu. Onde quer que haja divisão tem de haver conflito, essa é a lei. Então temos sido condicionados nessa divisão, a aceitar, a viver nessa divisão entre "o que é" e "o que deveria ser". O "que deveria ser" foi trazido porque eu não sei como lidar com "o que é". Ou "o que deveria ser" é visto como uma alavanca - vocês entendem? - para se livrar de "o que é". Então isso é um conflito. Assim, por que a mente criou "o que deveria ser"? E por que não está totalmente preocupada com "o que é"? Por que a mente fez isso? Por que o pensamento fez isso?

O pensamento, se está alerta, de todo, diz "Isto é um fragmento, isto é transitório, aquilo é permanente" - vocês entendem? Isso "que é" é transitório, e o pensamento criou o princípio mais elevado, que ele pensa ser permanente - o pensamento acha isso. Isto é impermanente, aquilo é permanente. Ambos sendo criações do pensamento. Certo? Deus, o Salvador - todos criados pelo

pensamento, o "que deveria ser".

Assim o pensamento criou essa divisão, e então diz "Eu não posso resolver isto, mas vou abordar aquilo". Agora quando você vê a verdade *disto*, *aquilo* não existe. Apenas *isto* permanece. Eu me pergunto se vocês vêem isso. O pensamento criou o ideal perfeito, o Estado perfeito, o nirvana perfeito, a *moksha* perfeita, o paraíso perfeito, porque não sabe o que fazer com isto, com "o que é", com meu sofrimento, minha agonia, minha ignorância impenetrável. Você vê a verdade disso? Não concordância verbal, não aceitação, aceitação lógica, mas a verdade disso? Se você vir a verdade *disto*, então *aquilo* - o ideal, o perfeito - não existe. Porque você não sabe nada sobre ele, é meramente uma projeção do pensamento. E então você tem a energia para lidar com "o que é". Em vez de perder energia lá fora, você tem a energia para lidar com o que está acontecendo. Vocês vêem a diferença? Oh, pelo amor de Deus! Vocês vêem? Então vocês têm a energia para lidar com "o que é".

Então você tem de aprender como olhar para "o que é". A observar "o que é". Agora você já não tem mais a dualidade criada pelo "que deveria ser", mas apenas "o que é". Vocês estão começando a ver as implicações disso? Quando não há "o que deveria ser", o princípio mais elevado, você tem apenas isto. Isto é um fato, e aquilo não é um fato. Então nós podemos lidar com fatos. Quando não há dualidade, há apenas uma coisa, digamos, por exemplo, a violência. Há apenas a violência, não a não-violência. A não-violência é "o que deveria ser". Então quando você vê a verdade disso, há apenas violência, certo? Agora você tem a energia para lidar com essa violência.

O que é a violência? Entre nisso comigo por um momento. Violência: raiva, competição, comparação, imitação - imitação sendo eu sou isto, devo ser aquilo. Então a violência psicologicamente é comparação, imitação, várias formas de conformidade, essencialmente comparação - eu sou isto, devo ser aquilo - isso é violência. Não apenas atirar bombas, violência física, isso é algo bem diferente. É provocado pela nossa sociedade podre, imoral, não vamos entrar nisso.

Então há apenas essa coisa, violência. O que é importante nisso? Qual a natureza dela? Nós descrevemos, mais ou menos, o que é violência. Você pode não concordar com a descrição, mas você sabe o que queremos dizer com violência - ciúme, raiva, ódio, irritação, arrogância, vaidade, tudo isso é parte da estrutura da violência. Essa violência vem com a figura, com a imagem que eu tenho, que é parte da minha imagem. Agora, como a mente pode ficar livre da imagem? Enquanto houver uma imagem, uma figura, eu tenho de ser violento. A figura é formada através da sensação, mais o pensamento e a imagem - vocês estão acompanhando isso? Então um ser humano compreende que enquanto houver essa imagem criada pela sensação mais pensamento,

enquanto essa imagem - que sou eu - existir, eu tenho de ser violento. A violência significa "eu" e "você", "nós" e "eles". Assim a violência está aí enquanto essa imagem existir. E essa imagem é sensação mais pensamento. E não há imagem se houver apenas sensação completa. E então nós podemos lidar com "o que é". Eu me pergunto se vocês compreendem isso.

Vejam: eu estou irritado, ou eu odeio alguém - não odeio, mas tomaremos isso como um exemplo. Eu odeio alguém porque essa pessoa fez algo feio, machucou-me e tudo o mais. Minha resposta instintiva, sendo um ser humano razoavelmente inteligente, razoavelmente normal, é dizer "Eu não devo odiá-lo, isso é ruim.". Eu agora tenho duas imagens: eu odeio, e eu não devo odiar. Duas imagens. Então há uma batalha entre essas duas imagens. E a pessoa diz: controle, suprima, modifique, não ceda - vocês estão acompanhando? - isso acontece todo o tempo enquanto houver duas imagens. E eu sei - eu compreendi isso muito profundamente - que as imagens são formadas por sensação mais pensamento. Isso é um fato. Eu compreendi isso. Então eu deixo de fora o não-ódio - vocês entendem? Tenho apenas esse sentimento de irritação, raiva, ódio. O que é esse sentimento criado através da imagem, por alguma ação de outrem? Você fez algo à imagem que sou eu. E essa imagem está ferida, e a reação a essa ferida é a raiva. E se eu não tiver imagem, pensamento, sensação, se eu não tiver imagem, você não me toca - vocês compreendem? Não há ferir, não há ódio - que é "o que é". Agora eu sei, estou consciente do que fazer com "o que é". Vocês captaram alguma coisa disso?

Então eu descobri que os seres humanos não mudam porque estão desperdiçando sua energia, não mudam porque estão exercitando sua vontade, que eles julgam ser extremamente nobre, o que é chamado de liberdade de escolha. E além disso eles não sabem o que fazer com "o que é" e portanto projetam "o que deveria ser", e talvez também porque *aquilo*, o nirvana, a *moksha*, o paraíso, é muito mais importante do que "o que é". Esses são os bloqueios que impedem os seres humanos de mudar, essa é a razão porque não transformam radicalmente a si mesmos. Se vocês compreenderam isso profundamente, com seu sangue, com seu coração, com todos os seus sentidos, então vocês verão que há uma transformação extraordinária sem o menor esforço.

# Vegetarianismo

(...)

Alimentação era uma questão que vinha sendo regularmente examinada desde o próprio começo da escola em 1975, e vinha à tona repetidamente durante os encontros entre pais e funcionários. Naturalmente, alimentação era uma preocupação importante, e demandava uma abordagem dentro do correto contexto de cultura, condicionamento, saúde e viver correto. Embora nem todos os associados, nem todos os funcionários, e certamente nem todas as famílias dos estudantes fossem vegetarianos, tinha havido um acordo desde o início quanto à manutenção de um campus vegetariano. O próprio Krishnamurti fora vegetariano por toda a vida, sem nunca haver experimentado carne vermelha, peixes ou aves, mas não estava absolutamente interessado em vegetarianismo como uma questão sectária, uma causa ou um movimento. Em certo ponto ele tornou a questão clara, "Nutricionalmente e cientificamente, não é necessário comer carne. Pode-se viver muito saudavelmente, normalmente, e ter muita energia tendo o tipo correto de alimentação. O que significa ausência de carne."

Mas ele estava profundamente preocupado com o quanto as diferentes regras sobre comer e não comer carne poderiam afetar a criança. "Aqui nós dizemos, não coma carne. Eles voltam para casa e toda a família come. A criança não se sentirá confusa? Aqui isso, lá aquilo. Estamos criando um conflito interior no estudante?"

Enquanto conduzíamos um vivo debate a respeito, com cada um dando seu palpite, Krishnamurti simplificava nossa abordagem enrolada, afastando a folhagem emotiva, pessoal.

"Estou limpando o terreno à medida que prosseguimos", ele disse com um sorriso levemente provocativo. "Vejam, senhores - mantenham isso simples. Nada de vegetarian-*ismo*. Não estou interessado em vegetarian-*ismo*. Não sou um seguidor do vegetarianismo. Nós não somos vegetarianos."

Alguns de nós estavam levemente assustados. O quê?

Ele notou de imediato e explicou "Nenhum *ismo*. Não há lugar para qualquer *ismo*, qualquer dogma ou ideologia. Eu simplesmente não matarei. É errado matar. Isso é tudo."

Ficamos sentados num silêncio iluminado. De repente tudo pareceu simples, claro e auto-evidente. Seu insight havia atravessado o complexo profundamente arraigado de prós e contras, argumentos e contra-argumentos - de fato, o próprio coração da questão. Um silêncio tímido preencheu a sala iluminada, e com calma ênfase ele acrescentou, "Matar outro ser humano é o

maior dos males."

Permanecemos suspensos por uma quietude peculiar; então ele injetou de súbito um pouco de bom-humor na reunião, "Mas não me venha perguntar se é errado matar vegetais."

Uma professora prontamente se sentiu impelida a sustentar o argumento e perguntou "Bem, de certo modo, é como matar, não? Se eu corto o repolho e a couve-flor do solo..."

"Mas, madame, eu tenho que viver! Não se pode simplesmente viver de ar e água.". Pausa. "Não senhor, você vê, vocês continuam com esse...". Sua voz esmoreceu, deixando a sentença inacabada. "Se você é um esquimó e vive nas longínquas terras geladas, o que você faz? Não há vegetais e tudo isso. Então você caça para permanecer vivo, certo?"

Ninguém se opôs.

"Mas nós estamos na Califórnia. Há todo tipo de vegetais e frutas por aí, durante todo o ano. Então é fácil viver numa dieta vegetariana e ser saudável e cheio de energia."

(...)

De *The Kitchen Chronicles*, pg. 223-224

© 1997 Michael Krohnen

## Pondo um fim à repetição

Ele explicou que era um homem de negócios, mas não um grande sucesso naquele mundo cruel porque estava satisfeito com o que havia ganhado; sustentava sua família dentro do padrão de vida americano.

"Eu não vim para lhe contar sobre a rotina exaustiva de minha vida diária", ele disse, "mas para descobrir por que certos incidentes ocorrem repetidamente. Eles são de uma natureza emocional e se repetem em diferentes intervalos."

Você não notou que determinados pensamentos e sentimentos mostram-se repetidamente? Por que eles retornam de novo e de novo? Não é porque não foram completados, acompanhados, pensados e sentidos até sua extensão mais profunda e total? Assim como um trabalho inacabado importuna a mente até que seja concluído, cada pensamento-sentimento está fadado a continuar a repetir-se até ser completado. Suprimir esses pensamentos-sentimentos repetitivos é relativamente fácil, mas isso não liberta o pensamento da repetição.

"Sim", ele concordou, "eu tentei suprimi-los, mas eles retornaram."

Se você pensar, sentir, cada pensamento-sentimento repetitivo e completá-lo até onde puder, você verá que ele deixa de retornar. Porque na compreensão há liberdade. Incidentes de natureza semelhante ocorrem porque não são compreendidos e assimilados profundamente, completamente. A experiência deixa traços, cicatrizes, na consciência; estende suas raízes profundamente na consciência e ela se torna o solo para o crescimento da memória através da experiência. A partir desse solo há ação e resposta, e a própria consciência se torna meramente o depósito onde as coisas são preservadas. Desse modo, a consciência perde sua função apropriada, que é ser, renovar.

A experiência, ao deixar traços, impede o vir-a-ser atemporal. A maior parte de nossa experiência cria o tempo através de tais traços, através das feridas, através da memória, e assim a experiência se torna um impedimento à compreensão, à criação atemporal. Porque são esses traços que constroem a consciência do "eu" e do "meu", o fator temporalmente limitador. E, enquanto o pensamento-sentimento for limitado pela experiência, haverá incidentes e experiência repetitiva, que ocorrem e voltam a ocorrer. À medida que cada experiência surge, pense-a, sinta-a o mais profunda e extensamente possível; será rápido ou gradual, dependendo de se o conteúdo da consciência torna a atenção ativa ou obtusa.

Senhor, se você fizer isso com todos os seus pensamentos-sentimentos - não apenas com os de sua escolha, mas com todos eles - então os incidentes e

experiências repetitivos darão lugar à vida sem começo e sem fim. Então o medo da morte termina porque há vida eterna, vir-a-ser atemporal.

O apego à experiência e as feridas da experiência é que restringem o pensamento-sentimento ao tempo que cria o "eu", o ego. No pensamento-sentimento do ego há um começo e um fim, nascimento e morte.

"Eu ouvi muito cuidadosamente", ele ressaltou à medida que saía, "e, como notei em suas palestras, aquilo que você esteve dizendo será entendido. Embora eu não possa compreender tudo agora, capturei seu significado e isso irá atuar como um fermento."

De *KFA Bulletin* #80, 2006, pg. 3-4  
© Krishnamurti Foundation of America

## O celibato e a vida religiosa

(...)

Era um almoço animado, e a conversa tocou a atual situação política mundial e as diferentes atitudes culturais com relação ao relacionamento homem-mulher. Às vezes, parecia que Krishnamurti mantinha pontos de vista vitorianos, embora fosse claro que, longe de condenar o sexo, ele reprovava apenas sua exibição e exploração.

Estávamos falando sobre o costume transcultural de alguns sacerdotes, freiras e monges de evitar qualquer contato íntimo com o sexo oposto fazendo votos de castidade. Krishnamurti questionou o significado dessa tradição. "Eu me pergunto, senhor, se o celibato tem qualquer coisa a ver com a verdadeira vida religiosa", ele ressaltou ao associado que estava sentado diante dele. "Fazer um voto de castidade... mas por dentro eles estão ardendo de frustração e desejo, fervendo com isso. Suprima, suprima, nunca olhe para uma mulher, para um belo rosto! Isso não tem nada a ver com a mente religiosa.". Ele parou depois de pronunciar essa última sentença, de modo enfático e cheio de paixão. "Tenho de contar-lhes uma estória adorável sobre isso. Havia dois monges na Índia andando de uma aldeia a outra, pedindo esmolas. Um dia chegaram diante de uma jovem garota que chorava sozinha próximo às margens de um rio. Um dos monges a aborda e pergunta 'Irmã, por que está chorando?'. Ela responde: 'Vê aquela casa do outro lado do rio? É lá que eu moro, e de manhã cedo eu atravesssei o rio sem qualquer problema. Mas agora a maré subiu e eu não posso voltar, e não há bote em qualquer lugar para me levar.'. 'Não se preocupe', o monge diz, 'Eu lhe ajudarei.'. E ele a ergue e a carrega em suas costas em segurança através da correnteza para a outra margem. E os dois monges continuam em direção à próxima vila. Caminham em silêncio por horas, quando subitamente o segundo monge diz: 'Irmão, você cometeu um pecado terrível. Nós fizemos um voto de castidade, nunca tocar numa mulher. Você não sentiu prazer e uma forte sensação quando tocou aquela mulher?'. O primeiro monge responde: 'Eu a deixei para trás há duas horas - mas você, aparentemente, continua carregando-a com você.'. Você compreende essa estória, senhor?"

Nós irrompemos em gargalhadas com a estória, mas Krishnamurti nos observava com um olhar sério.

De *The Kitchen Chronicles*, pg. 91-92

© 1997 Michael Krohnen

## Cada ação, cada relacionamento é um movimento de aprender

(...)

Para aprender a arte de viver devemos ter lazer. A palavra lazer é muito mal compreendida, como dissemos na nossa terceira carta. Geralmente significa não estar ocupado com as coisas que temos que fazer - como ganhar a vida, ir ao escritório, ir à fábrica, etc., e somente quando isso acaba é que há lazer. Durante o lazer - isso que é chamado de lazer - você quer se divertir, relaxar, quer fazer as coisas de que realmente gosta ou que exigem sua capacidade máxima. O seu ganhar a vida - seja lá o que você faça - está em oposição ao que é tido como lazer. Assim, há sempre esforço, tensão, e a fuga dessa tensão é o lazer, que é quando você não está sob pressão. Durante esse lazer você pega um jornal, abre um romance, conversa, joga, etc. Esse é o fato real. Isso é o que está acontecendo em todo lugar. Ganhar a vida é a negação do viver.

Assim, chegamos à questão: o que é lazer? Lazer, como é entendido, é uma pausa na pressão de ganhar a subsistência. A pressão de ganhar a vida ou qualquer pressão que nos é imposta geralmente consideramos como snedo ausência de lazer, mas existe uma pressão muito maior em nós, consciente ou inconsciente, que é o desejo - entraremos nisso depois.

A escola é um lugar de lazer. É somente quando você tem lazer que você pode aprender. Ou seja, aprender só pode acontecer quando não há qualquer tipo de pressão. Quando você é confrontado com um perigo ou uma cobra, há um tipo de aprender a partir da pressão do próprio fato do perigo. O aprender sob essa pressão é o cultivo da memória que lhe ajudará a reconhecer um perigo futuro, e então se torna uma resposta mecânica.

Lazer implica uma mente que não está ocupada. Só assim existe um estado de aprender. A escola é um lugar de aprender e não apenas um lugar de acumular conhecimento. É realmente importante entender isso. Como dissemos, o conhecimento é necessário e tem seu próprio - e limitado - lugar na vida. Infelizmente essa limitação tem devorado toda a nossa vida e não temos espaço para aprender. Estamos tão ocupados com nossa subsistência que isso tira toda a energia do mecanismo do pensamento, de tal forma que no fim do dia estamos exaustos e precisamos ser estimulados. Nós nos recuperamos dessa exaustão através do entretenimento - religioso ou outro qualquer. Essa é a vida dos seres humanos. Os seres humanos criaram uma sociedade que exige todo o seu tempo, toda a sua energia, toda a sua vida. Não existe lazer para aprender e assim a vida se torna mecânica, quase sem sentido. Assim devemos ser bem

claros em relação ao entendimento da palavra lazer - um tempo, um período, quando a mente não está ocupada com o que quer que seja. É um tempo de observação. É só uma mente desocupada que pode observar. Uma observação livre é o movimento de aprender. Isso liberta a mente de ser mecânica.

Assim, será que o professor, o educador, pode ajudar o aluno a entender tudo que implica a questão de ganhar a vida e toda pressão por trás disso? O aprender que ajuda você a adquirir um trabalho com todo o medo, a apreensão do amanhã, a ansiedade que ele provoca. Porque o próprio professor compreendeu a natureza do lazer e da observação pura - de modo que ganhar a vida não se torne uma tortura, um grande esforço por toda a vida - ele pode ajudar o aluno a ter uma mente que não seja mecânica? É responsabilidade total do professor criar uma nova geração para mudar a estrutura social de modo que ganhar a vida deixe de ser a preocupação exclusiva. Então, ensinar se torna um ato sagrado.

*De A arte de aprender*, pg. 42-44

© 1997 Krishnamurti Foundation Trust, Ltd., London

## Krishnamurti na TV

Astha International, um canal espiritual 24 horas, está transmitindo palestras de Krishnamurti e diálogos todo domingo, seguindo a programação abaixo:

India - 22:30h a 23:30h

Reino Unido - 17:00h a 18:00h

E.U.A. e Canadá - 17:00h a 18:00h

As transmissões, que consistem de palestras públicas, encontros de perguntas e respostas, diálogos com cientistas e acadêmicos e discussões com crianças e professores das escolas, prosseguirão por um ano. Baseadas nos registros feitos durante os últimos vinte anos da vida de Krishnamurti, essas transmissões cobrirão o vasto espectro de questões humanas consideradas por ele - os problemas da sociedade moderna e o papel do indivíduo dentro dela, o conflito nos relacionamentos e dentro de si mesmo, a procura pelo prazer, o problema do medo, o mistério da morte, o significado do sofrimento, o significado e beleza da natureza, e a busca do homem por um modo de vida verdadeiramente meditativo e religioso.

Esta é a primeira vez que os ensinamentos de Krishnamurti atingem milhões de telespectadores ao redor do globo. Será uma rara oportunidade para aqueles já familiarizados com seus ensinamentos assim como para aqueles que nunca o ouviram - ou que sequer ouviram falar dele.

*De Vasanta Vihar Newsletter, Vol. IV, #1*